

EDAMERIS

— o livro de bolso de categoria

SENSACIONAL LANÇAMENTO

HISTÓRIA UNIVERSAL

por

CÉSARE CANTU

A EDITORA DAS AMÉRICAS S. A. — EDAMERIS já iniciou a publicação dessa obra clássica da historiografia mundial em luxuosa e cuidada edição de bolso.

Agora — pelo preço de apenas NCr\$ 3,00 o volume — V. S. pode adquirir essa verdadeira enciclopédia de conhecimentos seguros sobre a história da humanidade, em todos os tempos e países.

- * *Texto integral, inteiramente revisto.*
- * *Condições especiais para agentes em todo o Brasil.*
- * *Pedidos de assinaturas à*

EDITORA DAS AMÉRICAS S. A. — EDAMERIS
Rua Visconde de Taunay, 866 — Cx. Postal 4468
Tels.: 51.0988 — 51.1327
SÃO PAULO

NCr\$ 1,50 — Preço deste folheto.

JORGE RIZZINI

A VERDADE SÔBRE O IPÊ-ROXO (e suas aplicações)

As plantas brasileiras não
curam; fazem milagres!

(Von Martius 1818)

JORGE RIZZINI

A VERDADE
SÔBRE O
IPÊ-ROXO

*As plantas brasileiras não curam;
fazem milagres!*
(von Martius, 1818)

EDITORA GRÁFICA SANTO ANTÔNIO S. A.
Rua Visconde de Taunay, 872
SÃO PAULO

ALGUNS LIVROS DE AUTORIA DE JORGE RIZZINI:

VIDA DE MONTEIRO LOBATO (Biografia)
BECO DOS AFLITOS (Contos e Novelas)
ESCRITORES E FANTASMAS (Documentário)

PRÊMIOS RECEBIDOS

PRÊMIO FABIO PRADO — Láurea dada pela União
(Contos) Brasileira de Escritores, em 1957.

PRÊMIO "NARIZINHO" — Láurea dada pelo Conselho Estadual de Cultura, de São Paulo.

Copyright by Jorge Rizzini

1967

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

PALAVRAS INICIAIS

A árdua campanha do "ipê-roxo versus câncer", iniciada e liderada por nós desde fevereiro através da TV-Cultura, Canal 2, São Paulo, em nosso programa Em Busca da Verdade (programa de debates e entrevistas) continua a agitar a opinião pública de todo o país. Os jornais, sem exceção (O Estado de São Paulo, A Gazeta, Última Hora, Jornal da Tarde, Fôlha de São Paulo, Jornal do Comércio, O Jornal, O Dia, O Globo, Diários Associados, etc.) manifestaram-se várias vezes sobre o assunto; outros canais de televisão e emissoras de rádio, — secundados pela TV-Cultura, fizeram o mesmo, como a TV-Record, TV-Excelsior e a Tupi da Guanabara e São Paulo em programas de grande audiência; e a revista "O Cruzeiro" (*) com duas magníficas reportagens intituladas "Descoberta em São Paulo a cura do câncer" e "O câncer vencido", com sua penetração levou enfim a tôda a população do país, e além fronteiras, a mensagem que há um mês antes estávamos divulgando, ou seja: *o ipê-roxo cura o câncer e outras moléstias terríveis*.

O assunto hoje já é internacional. Outros países como a Alemanha, Estados Unidos, União Soviética, já receberam grandes quantidades de casca de ipê-roxo para pesquisas científicas laboratoriais.

Ninguém mais, agora, pode baixar a bandeira que erguemos!

Este opúsculo tem a finalidade de perpetuar a verdade sobre o ipê — porque as palavras escritas ficam e o Brasil (lembremo-nos disso!) foi quem proclamou, primeiro, as notáveis qualidades terapêuticas do ipê!

JORGE RIZZINI

(São Paulo, 12 de abril de 1967)

(*) Reportagens de Jônio de Freitas. Ver «O Cruzeiro» dos dias 18 e 25 de março de 1967.

O IPÊ E OS ÍNDIOS

A história do ipê, em verdade, é anterior ao descobrimento do Brasil — ela começa por nossos índios, que se serviam da casca para determinadas enfermidades, e dos galhos para confecção da flecha e arco; daí, o fato de o ipê, ainda hoje, ser conhecido no norte do Brasil com o nome vulgar de “pau-d’arco”.

Entre as moléstias tratadas com a casca do ipê, pelos silvícolas, destacam-se as febres, as feridas e o reumatismo, segundo velhos mestres da botânica que andaram pelas matas brasileiras. É justo, porém, acreditar-se que outras enfermidades então desconhecidas no Brasil, como a sífilis, por exemplo, trazidas pelas caravelas portuguesas, tenham sido também tratadas pelos índios com a casca do ipê.

O fato é que, a fama do pau-d’arco, como planta medicinal, tem suas raízes em nossos indígenas. Sabe-se lá quantos séculos, ou mesmo milênios, antes da descoberta do Brasil, já os nossos índios usavam a casca do pau-d’arco no tratamento seguro de suas enfermidades! A fantástica e singela história do ipê se perde na noite dos tempos; mas, a grande verdade é que só agora a descobrimos, por mais incrível que isso possa parecer! Apesar — diga-se de passagem, de o livro “Flora de Martius” (1842-1906) publicado em Leipzig e o “Dicionário de Plantas

Medicinais Brasileiras” de autoria de Nicolau Joaquim Moreira (1862) entre outros, como o célebre von Huboldt citarem o emprêgo do ipê-roxo com fins medicinais — no combate às úlceras, reumatismo, sarnas, lues, febres, e até doenças venéreas!

* * *

Há de se perguntar, agora:

— O que levou os nossos indígenas a experimentarem o ipê?

A resposta é esta: eles imitaram os animais; as pacas, as cotias e os veados, que saboreiam, à noite, “as corolas ainda repletas de mucilagem tonificante, espargidas pelos arredores da árvore”. (*)

Os animais, pois, já conheciam as qualidades terapêuticas do ipê. Os indígenas, imitando-os, fizeram a descoberta notável que hoje, só hoje, está revolucionando o Brasil!

O ipê tem propriedades curativas!

OS DIVERSOS TIPOS DE IPÊ

Pelo nome genérico de ipê é conhecida no Brasil meridional cerca de uma dezena de espécies de *Tecoma* ou *Tabebuia*, escreve o botânico Moysés Kuhlmann, ex-diretor da Divisão do Jardim Botânico de São Paulo, no órgão oficial da Sociedade Geográfica Brasileira (mês de

(*) Vide o artigo de Moysés Kuhlmann, no capítulo seguinte.

abril de 1963). Esse artigo de Kuhlmann, tratando dos ipês em geral, representa para nós uma valiosa contribuição, visto já estar provado que tôdas as espécies de ipê (pau-d'arco) possuem mais ou menos, propriedades terapêuticas. Vamos, pois, data vênica, transcrevê-lo a fim de que o leitor melhor se enquadre dentro do tema:

"Predominam, pela evidência e nitidez das inflorescências e também pelo número de espécies, os chamados ipês ou paus d'arco de flôres amarelas, cujas copas se despem de tôda a folhagem, entre fins de julho a meados de outubro, para se transformarem repentinamente num dos mais notáveis espetáculos prolíferos da natureza vegetal. Entre os ipês-amarelos podemos mencionar, como naturais de São Paulo e Estados limítrofes as seguintes espécies: *Tabebuia vellozoi*, *T. alba*, *T. ochracea*, *T. chrysotricha*, *T. umbellata*. Uma outra *Tabebuia* de flôres amarelas, mas de aspecto bem distinto das demais, é a *T. caraíba*, que povoa, com seu caule suculento, os cerrados e caatingas, tornando-se dominante e às vezes exclusiva nos campos aplanados e várzeas alagadiças do Estado do Mato Grosso, onde é famosa e conhecida como "pára-tudo".

Os ipês-roxo-rosados, que florescem a partir de fins de maio até meados do inverno, precedendo aos amarelos, pertencem a três espécies e uma variedade de *Tabebuia*, a saber: *T. avellanae*, árvore de grande porte, competindo com as mais altas das florestas do Interior do Estado de São Paulo, não sendo também estranha às florestas da Hiléia e do Nordeste; *T. avellane-*

dae var. *paulensis*, de forma predominantemente arbustiva, povoando as matas ralas da cumieira da Serra do Mar e imediações; *T. impetiginosa* e *T. heptaphylla*, ambas com flôres bem maiores que as da espécie e variedade precedentes.

O chamado ipê-branco, que aqui no sul expande suas flôres branco-rosadas nos meses de agosto e setembro, é a *Tabebuia roseo-alba* (sin. *Tecoma odontodiscus*), natural do noroeste de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso, ocorrendo também, com notável intensidade, nas restingas do Nordeste, onde floresce em fevereiro.

No meio da vegetação arbustiva, aquática, das pequenas lagoas expandidas ao longo dos córregos de água límpida que se formam nos vales dos cerrados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso, cresce um ipê, *Tabebuia dura*, cujas corolas, com limbo alvo e tubo amarelado, não ficam em tão grande destaque porque, além de serem concomitantes com a folhagem, não se abrem tôdas de uma só vez. Esta espécie lembra, pelo seu "habitat" e comportamento fenológico, a caixeta do litoral, *Tabebuia cassinoides*, com a diferença de que nesta as fôlhas são simples e, na primeira, digitadas.

Recebendo diversos nomes populares, como ipê, pau-d'arco, piuva ou piuna, pára-tudo, piuxinga etc., as espécies de *Tabebuia* (ou *Tecoma*) se acham dispersas desde o sul até o norte do Brasil. Os países limítrofes, como Argentina, Paraguai, Venezuela e Colômbia, assim como os da América Central e outros, como Cuba e México, podem também gabar-se de possuir espécies dêste

agrupamento botânico semelhantes e diferentes das que ocorrem no Brasil. A linda *Tabebuia pentaphylla*, de flôres róseas, foi eleita árvore nacional da República do Salvador.

Os ipês brasileiros adaptaram-se aos mais variados tipos de solo e clima: por isso adornam desde os brejos e pântanos permanentes até as terras semi-áridas do sertão e agreste nordestinos. A caixeta do litoral que, segundo alguns autores deveria constituir um gênero à parte, como era a princípio, é uma das primeiras árvores que sucedem aos mangroves no povoamento dos diques de profundidade variável, nos estuários e meandros dos pequenos rios litorâneos, sujeitos ainda às influências da preamar. Nas primeiras matinhas que se formam nos brejos, guarnecidos pelas dunas costeiras, já despontam exemplares da curiosa *Tabebuia alba*. Esta mesma espécie que deve sua designação não à cor das flôres mas à do revestimento inferior dos folíolos, galga a Serra do Mar, desde Curitiba, instalando-se como pioneira, associada à var. *paulensis* de sua congênere, *T. avellanedae*, junto aos tapêtes encharcados de *Sphagnum*, que se formam nos brejos da cumieira pedregosa das vertentes marítima e platina, onde florescem quase ao rés-do-chão. Nas clareiras e interstícios das rochas, onde suas raízes podem explorar maior volume de solo, ela se desenvolve em esplêndida árvore, dourando com suas flôres a paisagem que emerge das nuvens envolventes. Habituada às frentes de conflito das massas atmosféricas, vamos encontrá-la ainda prolífera nas imediações da cota de 2.000

metros, junto ao Pico do Itapeva, em Campos do Jordão.

Sob todos os aspectos: taxonômico, geográfico, fenológico, biológico, histórico, ornamental, florestal ou econômico, as espécies e variedades dos nossos ipês precisam ser ainda melhor investigadas, conhecidas, protegidas e cultivadas.

O ipê cuja flor simboliza o Brasil é o majestoso ipê-amarelo, *Tabebuia Vellozoi* (sin. *Tecoma longiflora*), digno de nota, tanto pelo seu porte, como pelo tamanho, pureza de colorido e quantidade de flôres. Esta árvore tem a peculiaridade de abrigar-se do desconforto da frente exposta aos ventos frios e úmidos do sul. Isto, possivelmente, é o que explica o seu aparecimento em alguns trechos mais abrigados da baixada e pequenas elevações litorâneas nos Estados de S. Paulo, Guanabara e Rio de Janeiro, a sua completa ausência do Planalto da Serra do Mar e arredores de São Paulo e o seu reaparecimento no Vale do Paraíba e ainda além da Serra dos Cristais até o Sul de Minas, onde satisfeitas as suas exigências de um clima ameno, luminosidade e terras de fertilidade boa, ela chega a atingir mais de 20 metros de altura para expandir sua copa florífera na superfície das matas de transição.

A inflorescência magistralmente fotografada e impressa na capa desta revista, é a do ipê amarelo, cascudo, *Tabebuia ochracea*, uma das espécies que melhor se adapta à arborização urbana, devido ao porte da árvore e à intensidade com que floresce, como se pode verificar em São

Paulo, principalmente em certos trechos da Avenida Paulista. Este ipê, que raramente ultrapassa de 10 m de altura, constitui, quando florido, um dos mais destacados ornamentos da paisagem rural, onde geralmente é conservado ou cultivado com justificada ufania.

Os ipês arbustivos e arbóreos estão aos poucos conquistando o interesse dos floricultores, paisagistas e urbanistas brasileiros, pelo efeito espetacular que suas umbelas floridas comunicam a qualquer arranjo, disposição ou forma em que sejam devidamente agrupados, atendendo-se também a algumas de suas raras mas evidentes exigências ecológicas. Aqui na Capital de São Paulo, por exemplo, ainda não vimos florescer satisfatoriamente nenhuma das seguintes espécies que adornam e fazem o orgulho de certas cidades do Interior do Estado: *Tabebuia impetiginosa*, *T. roseo-alba*, *T. vellozoi*, correspondendo respectivamente ao ipê-roxo de flor grande, ipê-branco, e ipê-amarelo de casca lisa. Também não tivemos ainda notícia de nenhum êxito na domesticação do pára-tudo ou caraíba dos cerrados e caatingas, nem dos ipês aquáticos. Isto não diminui entretanto os êxitos alcançados nas tentativas de aclimação de numerosas outras espécies. Os horticultores norte-americanos já anunciam em seus catálogos, cerca de 30 espécies de *Tabebuia* aclimadas na região da Flórida.

O ipê florido no seu ambiente natural tem uma significação bem mais ampla do que quando cultivado para fins de ornamento. Achegando-nos às árvores prolíficas em meio à natureza,

poderemos verificar que suas corolas extravasam, como verdadeiras cornucópias, uma fertilidade contaminante, anunciando com o colorido e perfume das flôres uma das mais abundantes safras de pólen e néctar para o saciamento e provisão de milhares de seres alados que acorrem pressurosos e atarefados ao requintado festim. A harmonia produzida pela vibração das asas, nessa excitante atividade, inicia logo aos primeiros clarões da aurora com as contínuas visitas dos agressivos cuitelos e só vai terminar ao cair da noite. Nas regiões ainda indenizadas à ação destruidora do homem virão então pela calada da noite, as cautelosas pacas, cotias e veados saborearem as corolas ainda repletas de mucilagem tonificante, espargidas pelos arredores da árvore.

A flora e a fauna, assim equilibradas em atividades procriadoras, povoam toda a extensão territorial desta grande Nação.

A flor do ipê, como expressão da exuberância da flora, vem de ser consagrada como símbolo do Brasil. Que este símbolo não venha a tornar-se apenas uma figura do que terá sido irremediavelmente destruído, como já aconteceu com as matas onde vicejava o pau-brasil, mas marque o início de uma nova era de compreensão e amor à natureza brasileira, para que a sua conservação e restauração onde necessário, sejam defendidas e intensificadas para o nosso próprio benefício e o de todos os seres que aí vivem e procriam, cumprindo os sábios desígnios do Criador de todas as cousas."

O IPÊ-ROXO E SUAS QUALIDADES MEDICINAIS

O Prof. Walter Radamés Accorsi, da Universidade de São Paulo, catedrático de botânica da Escola Superior de Agricultura, Escola "Luiz de Queiroz", de Piracicaba que, com sua coragem moral, foi o primeiro a proclamar ao grande público as qualidades medicinais do ipê, depois de milhares de experimentos (a partir de 1963) em seres humanos portadores de doenças várias (inclusive o câncer e leucemia) afirma que todos os tipos de ipê têm os mesmos princípios terapêuticos, mas, entre eles, se destaca o ipê-roxo (*Tabebuia avellanadae*).

O ipê-roxo, felizmente, é encontrado em vários Estados do Brasil, mas, o da Bahia, afirma o Prof. Accorsi, é o melhor, "isto em razão de uma lei de genética, que pode ser estendida aos demais seres vivos — as propriedades de uma planta dependem da herança e do meio".

A composição química da casca do ipê-roxo, até agora, não obstante nossas instituições científicas e por razões facilmente compreensíveis, continua ignorada, mas as propriedades farmacológicas já estão bem definidas. Em nosso programa Em Busca da Verdade, ensinou o Prof. Accorsi:

- a) O ipê-roxo é analgésico
- b) sedativo
- c) descongestionante
- d) cicatrizante
- e) anti-infeccioso

- f) hemostático
- g) cardiotônico
- h) diurético
- i) depurativo
- j) tônico

Em vista dessas múltiplas qualidades, o ipê-roxo é indicado nas seguintes doenças:

câncer (interno e externo) — leucemia — lúpus — mal de Hodgkins — anemia — gastrite — úlceras gástricas e abdominais — colite — cistite — prostatite — leucorréia — hemorragia — ulcerações dos intestinos — inflamações dos órgãos genitais da mulher — pólipos dos intestinos e da bexiga — sífilis e conseqüências — reumatismo — diabete — feridas externas de qualquer natureza (mesmo feridas antigas) — úlceras comuns e varicosas — bronquite — asma — psoríases — empingens — dartros — eczemas — doenças da pele em geral — mal de Parkinson — nervosismo. (*)

É absolutamente seguro que o ipê-roxo também aumenta o teor de glóbulos vermelhos no sangue e isso em prazo curto.

Não é sem razão que o famoso von Martius em 1818 já dizia:

"— As plantas brasileiras não curam; fazem milagres!"

(*) A título de mera informação, citamos, aqui, que o Padre Antônio Penteado de Oliveira, diretor responsável do "Santuário de Aparecida", indica o uso das folhas do ipê nos casos de paralisia das pálpebras.

Acrescentamos aqui que o ipê-roxo não tem nenhuma contra-indicação, o que também é uma virtude. Pode ser usado à vontade.

COMO PREPARAR O IPÊ-ROXO

O tronco e ramos grossos do ipê-roxo são as partes utilizadas para retirada da casca, que deve ser extraída em sentido vertical, para que seja mantida a circulação da seiva orgânica e favorecer uma rápida formação dos tecidos de cicatrização. Condena-se o corte da casca em sentido anelar, porque interrompe a circulação da seiva, provocando a morte da árvore — ensina o botânico Walter Radamés Accorsi.

Uma vez retirada a casca, deve-se deixá-la por algum tempo ao sol, a fim de que a água seja eliminada. Feito isso, a casca está pronta para ser usada. O medicamento pode ser empregado na forma de chá, pomada, tintura e extrato. (*)

Vejamos como preparar as receitas.

O CHÁ — Colocar em uma panela de pirex (ou ferro) 4 xícaras de água e 3 colheres das de chá, com o pó da casca moída (ou a própria casca: um pedaço um pouco maior que uma caixa de fósforos). Ferver até reduzir a 3 xícaras. Coar e beber o chá de manhã, à tarde e à noite.

(*) Não tem sido fácil para o público encontrar a casca. Além do que, as falsificações da casca dia a dia aumentam! Temos aconselhado, pois, apenas a casca da Farmácia Botânica Sertaneja (Praça João Mendes 19) que verdadeiramente é extraída do ipê-roxo da Bahia.

Pode-se adoçá-lo ou beber ao natural, pois o sabor (e odor) são agradáveis.

TINTURA — A tintura ou extrato são usados para os casos mais graves. Vejamos como se prepara a tintura, tão eficiente quanto o extrato:

1 litro de álcool a 70 graus. Despejar dentro 200 gramas de casca seca reduzida a lâminas finas. Tampar o vidro e colocá-lo em lugar escuro. Agitar duas vezes por dia. Ao fim de 10 dias (tempo necessário para ser extraída da casca toda a substância ativa) coar. O remédio está pronto e só pode ser usado em gôtas.

Posologia:

De 1 a 15 anos de idade, uma gôta por ano. (Exemplo: 10 anos de idade, 10 gôtas, três vezes ao dia).

De 16 anos em diante, trinta gôtas, três vezes por dia.

Lactentes: uma gôta.

Observação importante: tomar as gôtas dissolvidas em água ou suco de frutas.

Nos casos em que o paciente está muito depauperado, como nos casos de câncer avançado, preparar a seguinte receita vitamínica:

Uma beterraba — uma cenoura — uma banana nanica — meia pera — meia maçã — suco de cinco laranjas doces — uma gema crua ou um pedaço de fígado cru — e as gôtas do extrato de ipê-roxo.

Bater tudo em um liquidificador e adoçar. Beber à vontade.

POMADA — Também é fácil de ser preparada em casa. A receita é esta:

1 vidro de 100 gramas de vaselina pura. Colocar o vidro dentro de uma panela com água fervendo. Quando a vaselina estiver derretida, adicionar 20 gramas de pó da casca do ipê-roxo e misturar bem. Ao fim de alguns minutos, retirar do fogo: a pomada está pronta.

Aplicar a pomada em feridas, psoríases, câncer externo, etc. Seu poder cicatrizante é inigualável!

Observação importante: nas primeiras aplicações, é possível uma ligeira irritação local, como sensação de ardume ou mesmo dor. Tal fato não deve preocupar o paciente, adverte o Prof. Walter Accorsi. Com o uso, a irritação passa. Lavar a ferida com o chá é muito aconselhável.

IPÊ, CÂNCER, E AS RADIAÇÕES NUCLEARES (Cirurgia)

Nossa campanha do ipê-roxo iniciada corajosamente pelo professor Walter Radamés Accorsi, no programa Em Busca da Verdade, dirigido e apresentado pelo autor destas linhas na TV-Cultura de São Paulo (até o momento já apresentei doze programas seguidos sobre as qualidades do ipê, e vamos continuar) nossa campanha, dizia eu, como era de esperar-se, tinha de encontrar por parte de alguns médicos, da Guanabara e São Paulo, uma violenta reação. Médicos, digamos logo, intima-

mente ligados ao câncer — vivendo em simbiose com o câncer...

Pois bem, agora, peço a atenção especial do leitor: o ipê-roxo é indicado em várias especialidades: dermatologia, gastroenterologia, ginecologia, etc. Por que será, então, que apenas os médicos ligados ao câncer, atacam o ipê?

Será que o ipê é um mau negócio para esse grupo de médicos?...

O leitor que responda.

A grande verdade é que uma bomba de cobalto 60 custa, aproximadamente, cem mil dólares: essa fortuna, quem paga?

Os médicos?

Não, os cancerosos, os condenados pelo destino. E rios de dinheiro são despejados nos hospitais. E as radiações de cobalto, ou Rádio, ou raios-X, além de produzirem violentas queimaduras, destruindo também as células boas (...), provocam o aparecimento de novos tumores cancerosos (!) conforme está devidamente provado, e comprovado, por altas autoridades médicas mundiais, desligadas do tratamento ortodoxo do câncer.

Vejamos algumas opiniões sobre as radiações aplicadas ao câncer.

A própria Madame Curie, precursora da radioterapia, foi a primeira mártir de sua descoberta. Eve Curie, filha de Madame Curie, em seu livro "Madame Curie" (*), diz à pág. 325:

(*) Ver "Madame Curie" de autoria de Eve Curie, tradução de Monteiro Lobato. Obra editada em 1949 pela Cia. Editôra Nacional.

"Madame Curie faleceu em Sancellemox, a 4 de julho de 1934, de anemia perniciosa de marcha rápida, febril. A medula óssea não reagiu por estar alterada por um longo acúmulo de radiações."

Opinião do Dr. Domingo Pescuma, em seu livro *"Técnicas de la Curie y Roentgenterapia"*, editado em Buenos Aires, 1945:

"As radiações podem atuar sobre o sangue de duas maneiras distintas: influenciando os elementos do sangue circulante, ou atacando diretamente os órgãos hematopoéticos (baço, fígado, medula óssea, etc.). É evidente que, dos elementos constitutivos do mesmo, os que apresentam maior grau de sensibilidade à ação dos raios são os glóbulos brancos, cujo número diminui, de maneira considerável, chegando — quando a irradiação foi demasiada — a provocar Leucopenia progressiva que acarreta a morte."

Parecer do Dr. W. A. Dewey, ex-professor de medicina da Universidade de Michigan:

"Na prática clínica de quase 45 anos — ainda estou por ver um único caso de câncer (salvo alguns semimalignos epitelomas) curados por cirurgia, raio-X ou Rádio."

Opinião do Dr. Ch. P. Bryant:

"Estudos recentes têm provado que o emprego simultâneo de raios-X e Rádio pode estimular o aumento da malignidade."

Parecer do Prof. Gunther Enderlin:

"Os clássicos tratamentos físicos e químicos contra o câncer prejudicam o organismo mais que o próprio agente responsável pela moléstia".

Opinião do Dr. Warren H. Lewis:

"Bem poderíamos admitir o fato de que ainda sabemos pouco sobre a causa do câncer. O Rádio foi um fracasso."

Parecer do Dr. Lester Grant:

"Os raios-X e o Rádio são nocivos, tanto para as células sãs quanto às doentes; e um dos maiores problemas que desafiam os radioterapeutas tem sido produzir o máximo efeito sobre as células cancerosas e o mínimo sobre as normais."

Opinião do Dr. K. H. Baner:

"Radioterapia é malefícia no câncer do tubo digestivo, bexiga, fígado, rins, pâncreas, reto, pulmões e peritônio."

Parecer do Prof. F. C. Wood:

"O Rádio não cura câncer. Somente destrói o tecido canceroso dentro de um certo raio (de ação), porém não retira a enfermidade do organismo."

Opinião do Dr. Ralph Stacy:

"A produção do câncer em áreas irradiadas constitui um dos maiores perigos da radiação. Casos de câncer têm sido frequentemente constatados na região do pescoço depois do tratamento da tireóide por intermédio de raios-X."

Poderíamos ir longe com as citações, mas vamos parar com o parecer do cientista francês Dr. Ropars, colhida em seu livro *"A Medicina Oficial Cultiva o Câncer"*.

Com a palavra, pois, o cientista:

"Só a rotina, associada a certos interesses puramente comerciais, permitiu a continuação do

emprêgo generalizado de processos tão nocivos e tão anticientíficos como os raios-X e o Rádio. É um crime contra a Humanidade continuar a empregá-lo, e os governos têm a obrigação de interditá-los." (*)

Parece-nos que está bem provada a ineficácia das radiações e, mais ainda, o perigo das mesmas no aparecimento de novos cânceres. No entanto, os médicos ortodoxos não abandonaram esses aparelhos caríssimos e maquiavélicos...

Por quê?

Bem, o Dr. Ropars já falou em "interesses puramente comerciais"...

E a cirurgia? Cura o câncer? — há de perguntar o leitor.

Não, porque o câncer não é moléstia cirúrgica. Cirurgia, além de não curar o câncer, pode provocar o aparecimento de novos cânceres — exatamente como as radiações. Isso, quando ela não apressa a morte do paciente, o que é rotineiro.

Vejamos algumas opiniões de eminentes catedráticos europeus e americanos.

Opinião do Dr. C. Everett Field:

"Cegamente temos combatido o câncer em estágio adiantado com o recurso cirúrgico, para somente encontrarmos sua imediata reaparição depois da extirpação."

Parecer do Prof. Marlane:

(*) Citações colhidas na obra "A Verdade Sobre o Câncer", do médico Eyder de Siqueira Gomes, editada em 1959.

"As operações do câncer não paralisam sua marcha; pelo contrário, aceleram."

Opinião do Dr. Fredrich Hey:

"Qualquer operação do câncer faz mais mal do que bem."

Parecer do Prof. Walsh:

"A cirurgia do câncer não é nem cura e, tampouco, prolongamento de vida."

Opinião do Prof. Kortenweg:

"A intervenção cirúrgica do câncer não traz benefício algum ao paciente."

Parecer do Prof. Adam Adamkiewics, autor do livro "A Operação do câncer é um crime":

"Intervenções cirúrgicas, mesmo as biópsias, possibilitam a transformação de um tumor benigno em maligno."

Opinião do Dr. Brodie:

"A operação do câncer pode acelerar seu curso."

Parecer do Dr. W. Cooke:

"A operação do câncer não é senão uma quimera".

Opinião do Prof. Smyne:

"No interesse da Humanidade e por honestidade à cirurgia, deveria ser preferível abandonar completamente as operações do câncer."

Bem... Perguntamos, agora:

Como nos casos das radiações, conforme denunciou o cientista francês Ropars, será que também a inútil cirurgia do câncer é filha de "interesses puramente comerciais"?... Que respondam os cirurgiões ortodoxos, "no interesse da Humanidade e por honestidade à cirurgia"!

Aliás, diga-se de passagem, hoje em dia, pelo menos no Brasil, se o paciente tiver posses, qualquer dorzinha de barriga é motivo para o médico aconselhar logo uma cirurgia...

Por que será?...

A INDÚSTRIA DO CÂNCER

Que existe uma indústria do câncer, não há dúvida. Indústria internacional. Os poderosos grupos de fabricantes da Bomba de Cobalto — 60 (cem mil dólares cada uma!) Rádio, aparelhos de Raios-X, os fabricantes de instrumental cirúrgico especializado, vivendo todos à custa de milhões de cancerosos em todo o mundo (uma entre cinco pessoas tem “predisposição” ao câncer) dominam a área internacional do câncer e, assim, por uma justa autodefesa, impedem o aparecimento no mercado de uma droga capaz de suprimir suas espetaculares máquinas de ganhar dinheiro e cujo efeito, já o provamos, é nefasta ao paciente. Sem falar nos reis da morfina e derivados... Essa indústria nefanda, que é apátrida, está montada em himalaias de dólares e não é sem razão que a doença é simbolizada por um... caranguejo!

A propósito, escreveu o médico norte-americano Dr. Henry Young (*):

“Entre toda a podridão dentro da Medicina Rockefeller o que há de mais abjeto é o grupo de charlatães exploradores e desumanos que integram a Camorra do Câncer. Essa é uma Camor-

ra internacional, tremendamente poderosa, firmemente erradicada em todos os países, inclusive no Brasil. Exploram vergonhosamente, mutilam horivelmente, e há quem afirma que eles “curam”. Apesar disso, esses charlatães exigem um monopólio absoluto no tratamento dessa doença infeliz, gritando “charlatão!” na cara de todo descobridor de qualquer tratamento anticanceroso mais simples, lógico, racional e, sobretudo, eficaz.

Porque os Camorristas gostam tanto das armas “clássicas (contra o câncer)? Essas apresentam dois pontos principais de superioridade, os quais no modo de pensar dos exploradores, são muito atraentes:

1) Podem ser monopolizados exclusivamente por eles. A cirurgia e radiações, através de Rádio, Raios-X, bomba de Cobalto, isótopos radioativos, etc., são recursos complicados demais para serem empregados clandestinamente por curandeiros, massagistas, membros da família, etc. Assim, sua fiscalização se torna mais fácil e o seu monopólio mais absoluto.

2) São os métodos mais rendosos. Os Camorristas passam muitas noites em claro, tentando idealizar medidas que dêem mais lucros, mas não conseguem: as armas “clássicas” representam o máximo de possibilidade de exploração financeira. São armas cínicas, impiedosas, mortíferas — mas extraordinariamente rendosas. E legais! Até receberam bênçãos de representantes da Igreja, tornando-se, assim, consagradas pelo Estado, por Deus e pelo pior grupo de exploradores na História do mundo.”

(*) Vide “O Semanário”, Rio, n.º 114, ano III.

CINCO PERGUNTAS AO DIRETOR DO SERVIÇO NACIONAL DO CÂNCER

1) Por que o atual Diretor do Serviço Nacional do Câncer, ao lado do Secretário da Saúde da Guanabara, em polêmica com o autor destas linhas e o Prof. Walter Radamés Accorsi (na Televisão Tupi do Rio de Janeiro, programa intitulado "Debates" dirigido por Rúbens Amaral) rejeitou toda a vasta documentação de Accorsi sobre as curas efetuadas pelo ipê-roxo, inclusive curas de câncer?

2) Por que o atual Diretor do Serviço Nacional do Câncer, no ardor do debate (esquecido de que milhares de espectadores atentos observavam...) proclamou irritado que os atestados de médicos garantindo a cura de pacientes cancerosos com ipê-roxo, não tinham valor algum?

3) Por que o atual Diretor do Serviço Nacional do Câncer, no mesmo programa de televisão, invalidou as experiências do Dr. David Erlich (meras experiências com camundongos!) afirmando, enfático, que apenas o S.N.C. "tinha autoridade" para opinar sobre o ipê-roxo na cura do câncer?...

4) Por que na TV o atual Diretor do Serviço Nacional do Câncer, interpelado pelo autor destas linhas, confessou de público que o Serviço Nacional do Câncer havia experimentado o ipê-roxo "apenas em camundongos" e, dias depois, correu à imprensa e, contradizendo-se, afirmou que "foram feitas experiências não só com ani-

mais, mas também vários tipos de tumores de pacientes cancerosos, considerados incuráveis e internados no Hospital Mário Kroef"? (*)

5) Por que o atual Diretor do Serviço Nacional do Câncer (órgão que comanda o câncer no Brasil), disse pelos jornais que... "na esperança de curar-se com o pau-d'arco, o paciente deixa de procurar o médico, perdendo, assim, aquele período ideal para o início do tratamento especializado", — quando, na verdade, o "tratamento especializado" (cirurgia e radioterapia) representam para o doente ameaças fatais, quando não um atestado de óbito previamente dado? Conforme já ensinaram os catedráticos estrangeiros, fartamente citados nesta obra?

Por quê?

* * *

O IPÊ-ROXO E A PROVA DOS NOVE

Já dissemos, páginas atrás, que a reação violenta ao ipê-roxo por parte de determinados grupos era esperada — e até natural. Eu seria injusto, porém, se não acrescentasse aqui que dou alguma razão a esses pequenos grupos — porque o ipê-roxo, caro leitor, sendo encontrado nas matas, podendo ser facilmente manipulado por você e sendo indicado (com sucesso) em inúmeras moléstias é evidente que não podia ser bem recebido por aqueles que se servem da medicina

(*) Vide "O Diário de São Paulo", dia 2, mês de abril, 1967.

com o fito exclusivo de aumentar o faturamento diário no consultório. . .

Mas, a campanha do descrédito foi recebida com frieza pelo público. Porque o povo já conhece os notáveis efeitos terapêuticos do ipê-roxo — no câncer, gastrite, úlceras duodenais, reumatismo, nas feridas antigas, etc.

O ipê-roxo, na forma de chá, extrato ou pomada, cura. Isso é uma verdade. E ninguém destrua a verdade. Pode-se deturpá-la, desfigurá-la com os véus da mentira, pode-se até sufocá-la, mas, ao fim de algum tempo, ei-la rebrihando de novo, íntegra na sua pureza. A verdade é indestrutível. Porque é eterna! No caso do ipê, então, já ninguém mais poderá ocultar a verdade — porque ela já se esparramou sobre o povo como uma bênção celestial. Homem impoluto e bondoso, o Prof. Walter Radamés Accorsi deve sentir-se jubiloso por haver tido a missão de divulgar a Verdade sobre o ipê.

Deus o abençoe!

Estamos chegando ao fim. Agora, é a hora da prova dos nove para o martírio, aliás, dos pequenos grupos interessados na desmoralização do ipê. Vamos aos depoimentos sobre os seus poderes terapêuticos! Alguns testemunhos, apenas, a fim de não cansar o leitor.

Começemos com o grande arauto da Verdade, o Prof. Walter Radamés Accorsi:

— Das minhas primeiras experiências, apurei duas grandes verdades, que muito me entusiasmaram, no caso do câncer: uma, o pau-d'arco elimina todas as dores provocadas pela moléstia;

depois, aumenta extraordinariamente os glóbulos vermelhos. Das experiências com o câncer, passei para a leucemia. O meu espanto crescia: o *pau-d'arco curava tudo!* Úlceras, diabetes e reumatismo, o remédio curava. E o que mais me impressionava era o tempo de cura, quase sempre menos de um mês!

E o Prof. Accorsi cita um caso entre os milhares que constatou:

— Finalmente, um amigo de infância, o Coronel do Exército, Amatea, da cidade de Itu, teve a mulher doente. Ela estava à morte: câncer nos intestinos. Havia já sido operada cinco vezes em oito meses! E é realmente espantoso: em apenas um dia de pau-d'arco, pela primeira vez, em quatro meses, a mulher dormia; e, mais, ficou curada. Está curada, faz anos! Quem duvidar, que procure o Cel. Amatea em Itu.

Depoimento do médico José Roberto Iemini, especialista em ginecologia e cirurgia (*):

— Em dezembro de 1965, operei um homem de idade num caso de obstrução gastroduodenal, provocada por câncer (metástase) em vários órgãos. Ele já devia ter morrido há um ano. Está vivo. Ele vem aqui no consultório. No caso dele ocorreu metástase no fígado, inclusive. Extraordinário é que ele vem a pé donde mora. Mora fora da cidade! Outro caso: câncer de signóide. Uma senhora. Estado gravíssimo. Uma senhora

(*) Depoimento colhido pelo repórter Jônio de Freitas e estampado em "O Cruzeiro" de 18-3-67.

de mais de sessenta anos, com obstrução intestinal. Operada três vezes. Começou com o chá de ipê-roxo logo após a cirurgia. Ela vai muito bem. Com esta senhora, aliás, sucedeu um acidente que serve para dar a medida do pau-d'arco. A agulha de soro fugiu da veia da perna (a paciente dormia) e houve derramamento de soro no tecido, provocando necrose — uma ferida de quinze centímetros de diâmetro. Foi aplicada a pomada de pau-d'arco e a ferida cicatrizou em um mês!

Depoimento do médico Samuel Castro Neves (pai do ex-ministro Castro Neves):

— Só o empreguei em casos de reumatismo e com resultados extraordinários! Quanto a câncer, tive quatro casos, mas todos irremediáveis: os pacientes eram tão velhos quanto a moléstia!

O Dr. Kamal Yasbeck, da cidade de Santo André, também revela um caso espetacular de uma senhora portadora de câncer no rosto que, após inúmeras aplicações de radioterapia, fez uso do ipê-roxo na forma de pomada e... em apenas 22 dias de tratamento, teve a ferida cicatrizada; mas, de tal forma, acrescenta o Dr. Yasbeck, que do tumor canceroso, restou apenas uma leve cicatriz! (*)

Continuemos a oferecer ao leitor testemunhos de médicos.

Ouçamos o Dr. Octaviano Gaiarsa, do Hospital Municipal de Santo André — hospital cujo farmacêutico-chefe é o Dr. José Benedito de

(*) Revista citada.

Castro que tem, a contar, milhares de casos de cura com o ipê-roxo, inclusive casos de câncer. Casos devidamente catalogados.

Diz o Dr. Gaiarsa:

— Não acompanhei casos, porque isto fugia às minhas funções no Hospital. Muitos colegas é que falam em casos de cura de diabete, de osteomielite e mesmo de câncer. Como o caso dum pretinho, de apelido "Pelé", que está sempre no Hospital, portador de câncer incurável, hoje gordo e forte! E, segundo me disseram, já devia estar morto... Soube também do caso relatado pelo Dr. Yasbeck, que aplicou o pau-d'arco num câncer de pele resistente a qualquer tipo clássico de tratamento. O exame anátomo-patológico deu cura radical.

E o Dr. Gaiarsa acrescenta:

— Pessoalmente, conheço casos de cura de anemia, provados com a contagem de glóbulos, e de úlceras varicosas, com quinze dias de tratamento, o mais tarde um mês! Também o Dr. Nardelli (Diretor do Hospital de Santo André) me referiu um caso de osteomielite incurável, curado com o pau-d'arco, provado em exame. Há também um caso de leucemia, devidamente registrado no Hospital. Leucemia declarada e avançada (240 mil glóbulos brancos para 1 milímetro cúbico). Com um mês de pau-d'arco o número de glóbulos foi reduzido para 20 mil, considerado normal!

Mais um caso surpreendente, desta vez narrado pelo Dr. Sebastião Laet que, ao tempo de Prestes Maia, ocupou a Pasta da Higiene em São Paulo, — caso narrado pelo próprio Dr. Laet em nosso programa de televisão Em Busca da Verdade. Chamamos a atenção do leitor para o fato de que se trata de um caso (como os anteriores) considerado perdido pelos cancerologistas. Basta dizer que a paciente já havia sofrido uma série de cobaltoterapia, outra de radioterapia, cirurgia, nova cirurgia, mais uma série de cobaltoterapia até que, espoliada e mutilada, Deus a colocou frente ao Dr. Sebastião Laet.

Ouçamos a palavra sintética do ex-Secretário de Higiene de São Paulo:

— Paciente de 66 anos. Há dois anos é portadora de nódulo na língua; câncer de língua. Submeteu-se a cobaltoterapia e radioterapia. Posteriormente, à alta intervenção cirúrgica. Mais tarde, aparecimento de uma massa tumoral na região cervical esquerda com ulceração eliminando secreção extremamente fétida. A doente foi desenganada e apresentada, além da tumoração já citada, fortes dores, a língua lhe parecia estar sobre brasas e uma "pigarra" constante também a incomodava sobremodo. As dores não haviam cedido com Sedalene, etc. Passou a usar morfina. Foi quando uma família começou a ministrar-lhe o ipê-roxo e chamou-me de comum acordo com o médico assistente. Nesses 45 dias, constatamos: desaparecimento das dores até analgesia total. Desaparecimento da massa tumoral na região cervical esquerda. Desapareci-

mento da fetidez da secreção. E uma grande tranquilidade por parte da doente!

* * *

Aí está, caro leitor, nesses poucos exemplos citados, a imensa e esplêndida luz que em vão "os grupos interessados" tentam esconder com uma peneira: o que a cirurgia e a cobaltoterapia, a radioterapia e a morfina, tudo junto ou separado, não conseguem nos casos de câncer, consegue o miraculoso IPÊ-ROXO — e em tempo mínimo: no máximo em dois meses!

* * *

Agora bem cabe aqui a perguntazinha irritante:

— Quanto custa a cirurgia do câncer? E os meses no hospital? E as aplicações de cobalto? E as aplicações de Rádio? Esse "tratamento", que abre as portas do céu, quanto custa para os herdeiros do doente? Quantos milhões?

Pobre ipê! Tu és poderoso, és gigantesco, és magnânimo, mas és facilmente encontrado nas matas e, assim, tua luta por um lugarzinho ao sol na História da Medicina vai ser difícil. É difícil. Um dia, porém, hão de fazer justiça à Verdade que apregoas: mera questão de tempo, porque a Verdade é indestrutível.

Espera, árvore amiga! E, por enquanto, contenta-te com o título oficial que já possues: ipê, árvore símbolo do Brasil!

F I M

ÍNDICE

Palavras iniciais	3
O Ipê e os índios	4
Os diversos tipos de ipê	5
O ipê-roxo e suas qualidades medicinais	12
Como preparar o ipê-roxo	14
Ipê, câncer e as radiações nucleares (cirurgia)	16
A indústria do câncer	22
Cinco perguntas ao Diretor do Serviço Nacional do Câncer	24
O ipê-roxo e a prova dos nove	25